

suficientes para fazer esta distinção. E, como se viu, esta distinção parece ser tudo aquilo de que precisamos para, apesar dos aparentes contra-exemplos, defendermos a teoria T.

A teoria T tem diversos pontos fracos (*ver* uma refutação deste argumento de Grice sobre condicionais no artigo CONDICIONAIS, TEORIAS DAS). No entanto, o conceito de implicatura conversacional propriamente dito, tal como foi analisado por Grice, é suficientemente robusto para ser hoje consensualmente admitido como parte do património conceptual da pragmática e da filosofia da linguagem. *Ver também* FILOSOFIA DA LINGUAGEM COMUM, IMPLICAÇÃO, MÁXIMAS CONVERSACIONAIS, PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO, SIGNIFICADO, PRESSUPOSIÇÃO, PRAGMÁTICA. AHB/PS

Grice, P. 1989. *Studies in the Way of Words*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Levinson, S. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.

importação Tradicionalmente, as inferências da lógica proposicional clássica $(A \wedge B) \rightarrow C \square A \rightarrow (B \rightarrow C)$ e $A \rightarrow (B \rightarrow C) \square (A \wedge B) \rightarrow C$ são conhecidas, respectivamente, como EXPORTAÇÃO e importação, assim como os teoremas correspondentes $\square((A \wedge B) \rightarrow C) \rightarrow (A \rightarrow (B \rightarrow C))$ e $\square(A \rightarrow (B \rightarrow C)) \rightarrow (A \wedge B) \rightarrow C$.

Em geral, importar um operador O é gerar uma frase F' a partir de uma frase F através da permutação de O com outro(s) operador(es), de tal modo que o ÂMBITO de O passe a ser mais curto do que o do(s) outro(s) operador(es). Por exemplo, dada a frase «Tudo é necessariamente feito de matéria» ($\forall x :Mx$), o quantificador universal pode ser importado, gerando assim a frase «Necessariamente, tudo é feito de matéria» ($:\forall x Mx$). Esta importação é falaciosa se admitirmos mundos possíveis que tenham objectos que não sejam feitos de matéria, apesar de tudo o que existe no mundo actual ser feito de matéria em todos os mundos possíveis — imagine-se que há mundos possíveis com coisas que não sejam feitas de matéria, como almas, que não existam no mundo actual. A importação pode, pois, dar origem a falácias, a mais conhecida das quais é a FALÁCIA DA PER-

MUTAÇÃO DE QUANTIFICADORES. DM

impossibilidade Uma impossibilidade lógica é uma FALSIDADE LÓGICA. A negação da impossibilidade é, neste sentido, uma TAUTOLOGIA ou VERDADE LÓGICA. A impossibilidade é um conceito MODAL: *p* é impossível se, e só se, $:\neg p$ — isto é, se a sua negação é NECESSÁRIA. Os sentidos lógico e metafísico de impossibilidade não coincidem porque apesar de todas as impossibilidades lógicas serem impossibilidades metafísicas, nem todas as impossibilidades metafísicas são impossibilidades lógicas — os essencialistas defendem que uma frase como «A água não é H₂O» é uma impossibilidade metafísica, apesar de não se tratar de uma impossibilidade lógica. DM

imprecisão O mesmo que VAGUEZA.

inatismo Os proponentes da hipótese inatista defendem que os seres humanos se encontram geneticamente determinados para aprender a linguagem e que o tipo de LÍNGUAS NATURAIS que é possível aprender se encontra também geneticamente determinado.

O argumento central usado a favor desta hipótese recorre ao contraste entre I) a complexidade estrutural, II) a extensão e III) a uniformidade do conhecimento específico (linguístico) que os falantes de uma dada língua natural possuem ao dominarem essa língua, por um lado, e os dados I') não estruturados, II') escassos e III') desiguais de falante para falante, a partir dos quais esse conhecimento é adquirido, por outro lado.

Interessa notar que a linguagem é em geral adquirida desde os primeiros meses de idade. Às crianças não é apresentada qualquer gramática ou lista de vocabulário. As crianças não são explicitamente ensinadas a falar como são, por exemplo, explicitamente treinadas a andar de bicicleta ou a executar operações aritméticas. Elas limitam-se a ter acesso a alguns enunciados produzidos por falantes que as rodeiam, e a exercitarem-se, espontaneamente, sem plano de treino e, tipicamente, sem correcção posterior, na produção de enunciados.

Apesar de terem estado expostas a um con-

inclusão

junto de dados que se apresentam desorganizados e em quantidade limitada, ao fim de um período relativamente pequeno das suas vidas, as crianças podem entender e produzir enunciados que nunca ouviram ou pronunciaram anteriormente, de acordo com um largo conjunto de regras complexas que regem a língua que utilizam. É de notar também que crianças diferentes, ao serem expostas a conjuntos diferentes de enunciados de uma mesma língua, adquirem o conhecimento dessa língua e, portanto, os mesmos meios linguísticos.

Os proponentes do inatismo argumentam que a concepção que defendem constitui o ponto de partida adequado para se encontrar uma explicação para o contraste acima referido, pois só a participação de uma forte componente geneticamente determinada no processo de aquisição da linguagem parece permitir um resultado complexo e uniforme (o conhecimento linguístico de um sistema complexo de regras fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas, idêntico para todos falantes — porém, *ver também* IDIOLECTO) a partir de uma experiência incomparavelmente menos complexa e menos uniforme (enunciados aleatoriamente produzidos por outros falantes). *Ver também* LÍNGUA NATURAL, IDIOLECTO. AHB

Chomsky, N. 1975. *Reflexões sobre a Linguagem*.

Lisboa: Edições 70.

Chomsky, N. 1986. *Conhecimento da Linguagem*.

Lisboa: Caminho.

Pullum, G. 1996. Learnability, Hyperlearning, and the Poverty of Stimulus. In Johnson, J., Juge, M. e Moxley, J. *Proceedings of the 22nd Meeting of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, pp. 498-513.

inclusão *Ver* SUBCONJUNTO.

incompatível *Ver* COMPATÍVEL.

incompletude de Gödel, teorema da *Ver* TEOREMA DA INCOMPLETUDE DE GÖDEL.

incompletude *Ver* COMPLETUDE.

impossível *Ver* COMPOSSÍVEL.

inconsistência 1. Uma proposição inconsistente é uma falsidade lógica, como $\neg(p \rightarrow p)$: uma proposição falsa em todas as interpretações das suas variáveis proposicionais (no caso, p). Gera-se uma inconsistência sempre que se nega uma verdade lógica. 2. A relação existente entre duas ou mais proposições quando estas não podem ser todas verdadeiras. 3. Uma teoria é inconsistente caso se possa derivar p e $\neg p$ dessa teoria. Neste caso, a teoria é trivial porque permite derivar tudo (aceitando a lógica clássica).

Defende-se por vezes que uma teoria, opinião ou visão do mundo inconsistente é «mais rica» do que uma que o não seja. Este é o tipo de ideia contra a qual não vale talvez a pena argumentar; basta concordar com a pessoa que a afirma, negando segundos depois tranquila e sistematicamente tudo o que ela disser com base no princípio da aceitação de inconsistências que ela mesma diz professar. Defende-se também por vezes que não devemos evitar as inconsistências porque o próprio mundo é inconsistente; contra esta ideia talvez não valha também a pena argumentar já que resulta de um ERRO CATEGORIAL: a inconsistência é uma relação entre proposições e não entre estados de coisas. *Ver* AUTO-INCONSISTÊNCIA, COMPOSSÍVEL. DM

indecidibilidade de Church, teorema da *Ver* TEOREMA DA INDECIDIBILIDADE DE CHURCH.

indecidibilidade *Ver* DECIDIBILIDADE.

indefinibilidade da verdade, teorema da *Ver* TEOREMA DA INDEFINIBILIDADE DA VERDADE.

independência Em geral, duas proposições ou teorias são logicamente independentes se, e só se, não se implicam mutuamente. Mais especificamente, um sistema de AXIOMAS é independente se, e só se, nenhum dos seus axiomas pode ser deduzido de qualquer um dos outros. Aplica-se o mesmo conceito aos sistemas de regras de dedução natural: um destes sistemas é independente se, e só se, nenhuma das suas regras pode ser deduzida das outras. Por exem-

Direcção de
JOÃO BRANQUINHO
DESIDÉRIO MURCHO
NELSON GONÇALVES GOMES

ENCICLOPÉDIA DE TERMOS
LÓGICO-FILOSÓFICOS

2005